



Excerto traduzido do livro

Katja Lange-Müller
Böse Schafe
Kiepenheuer & Witsch Verlag
Köln 2007
ISBN 978-3-462-03914-6

pp. 7-21

Katja Lange-Müller
Ovelhas más

Traduzido por Kristina Michahelles

© 2008 Litrix.de

*Teimosinho,
teimosinho,
mostra as tuas pernas*

(traduzido do japonês,
autor desconhecido)

I

Estamos deitados nos dois colchões, não exatamente um ao lado do outro, mas uma cabeça encostada na outra. A artéria acima da maçã do teu rosto pulsa contra a minha bochecha. Teu cabelo toca no meu nariz, mas não faz cócegas, apenas recende a xampu e a ti. Há minutos ou mesmo horas nós mal nos mexemos, sem falar, a respiração curta. Os teus olhos estão cerrados, os meus estão virados para cima, para a janela aberta, onde não se enxerga nada além de um pedaço de céu sem nuvens, nem claro, nem escuro. Se eu precisasse perguntar alguma coisa, simplesmente teria gostado de saber se aquilo é o crepúsculo da manhã ou se o dia já está caindo. Não estou cansada nem acordada, nem pesada nem leve, não quero fumar nem comer nem beber ou ir ao banheiro. Não sinto necessidade de manter distância, mas tampouco vontade de te abraçar. Sinto-me livre não *para* tudo, mas *de* tudo, e ainda assim não me sinto solitária...

Este é o filme que passa na minha cabeça toda vez que penso em ti. Vejo-o e, ao mesmo tempo, vejo a mim (“atuando” não seria a expressão correta) não sendo a mulher que sou agora, mas que fui há muitos anos: mais jovem, mais bela, e quase sempre a teu lado.

Já não posso mais rebobinar este filme já algo amarelado e arranhado, posso apenas acelerá-lo ou esticá-lo, congelando os trechos que me agradam, até toda essa aparição se dissolver no momento em que toca o telefone ou o carteiro aperta a campainha ou quando eu, sem mais outro distúrbio, alcanço a outra margem do sono, hoje mais próxima, amanhã já mais distante.

Quanto mais tempo dura o filme, menos coisas acontecem. Talvez a comparação com um filme tremido no cinema ou na TV não seja muito boa. Talvez essas imagens

que passam pela minha córnea uma após a outra, façam parte de uma série de slides meio fora de foco e, por isso mesmo, semelhantes, cuja seqüência involuntária, jamais repetida, depende dos movimentos de meus cílios, de quando e quantas vezes eu fecho e abro os olhos e torno a fechá-los... Aquele recorte de céu rubro do tamanho de uma janela, sem nuvens ou astros, os colchões forrados de vermelho no fundo do meu quarto, nossos corpos em repouso, nós nas ruas de Berlim, você no Joe, eu diante de uma caixa com tralha... agora, só a força da minha imaginação gera cada uma dessas imagens e todas elas de uma vez, o que justifica tanto a metáfora do filme quanto a da seqüência de slides, não fosse o cheiro do teu cabelo, o calor grudento da tua têmpora e da minha bochecha, nossa respiração fora de sincronia e a libertadora ausência de qualquer necessidade que eu percebia e sempre torno a perceber e que eu, desde a primeira vez que a senti, chamo de felicidade, uma felicidade sedutoramente isenta de dramaticidade, que eu torno a sentir cada vez que me lembro dela.

Será que, quando o nosso filme estava correndo em tempo real, quando *poderíamos* ter sido fotografados, eu deveria ter indagado pelos *teus* sentimentos, apesar de fingires que eles nada tinham a ver contigo? Aliás, tu conseguias verbalizar as tuas emoções? Ou achavas mais confortável expressá-los de maneira física, através de olhares, esgares, gestos – e às vezes com o membro? Alguma vez ousei te perguntar o que existia por trás da tua expressão orgulhosa de urso branco, a tua fleuma ausente, os teus raros acessos de amor ou de ação? Se eu quisesse saber - e eu quis muitas vezes -, eu disfarçava, e, em vez de dizer outra coisa, fazia aquela clássica pergunta das mulheres: “Em que você está pensando agora?” A tua resposta, ainda mais rara e classicamente masculina, era quase sempre: “Nada”. Ou: “Nada de especial”.

Certo, não eras exatamente uma pessoa comunicativa, ficavas quieto e, o que é mais importante, calado. Nos teus melhores momentos, eras rápido no gatilho, respondendo com frases ou expressões curtas, mas gostavas de ler romances de fantasia, os volumes mais grossos que existiam. Para ti, as palavras entravam melhor pelo olho ou saíam bem pelas mãos do que pelos lábios, pois tinhas feito curso de gráfico, assim como eu.

»Ontem à noite, pela primeira vez em muito tempo voltei a molhar meu bico. A sensação de liberdade é maravilhosa, e o sol esta esquentando. Mas eu preciso

esquecer o meu hobby e ser coerente. Meus planos são: arrumar grana, lutar caratê e procurar um apartamento“.

Queres saber por que estou citando o que tu mesmo escreveste? Porque durante todo o tempo que passamos junto, nunca te vi com o caderno escolar no qual fazias as tuas anotações sem data, este caderno que acabou ficando comigo, e porque não sei se – e até que ponto – tu te lembras das exatas oitenta e nove frases onde meu nome não aparece nunca e que, mesmo assim, ou por isso mesmo, repetirei agora para ti, não necessariamente em ordem cronológica, mas palavra por palavra, até o fim da nossa história.

Ah, Harry, se este caderno tivesse ido parar com outra pessoa que tivesse a curiosidade de lê-lo, essa pessoa jamais imaginaria que eu algum dia existi na tua vida, tua vida que também foi minha e continua sendo.

II

Foi pura coincidência termos nos encontrado. O que mais poderia ser? Talvez algo como o destino, pois poderíamos muito bem ter-nos desencontrado. No dia em que nossos caminhos se cruzaram, não estavas sozinho, e não haviam se passado nem doze meses desde que eu deixei o lugar em que cresci e onde vivi até os meus trinta e nove anos.

Também consigo me lembrar a qualquer momento das cenas daquele dezessete de abril de 1987 que dizem respeito a mim e – pelo menos durante as primeiras horas – também a ti, e à diferença das cenas de filme ou dos slides do idílio nos colchões, essas cenas se tornam a cada vez mais claras e detalhadas e estão agora diante dos meus olhos com uma nitidez como se nunca tivessem acontecido e sim sido inventadas, resultado da minha imaginação dominada por uma saudade poderosa:

O metrô parou na Nollendorfplatz, eu saí e mais uma vez me senti feliz com a amplidão quase deserta, margeada por barraquinhas de churrasco turco, lojinhas de artigos baratos e quiosques de flores. Também estava feliz com o fato de, na véspera, ter perdido apenas algum trocado com a carteira barata, mas não o documento que me dava a gratuidade de usar por um ano os transportes públicos por ser da RDA, do campo de Marienfelde. O sol da primavera já estava alto no céu e lançava uma luz

clara, quase branca, sobre a praça, a qual, depois do orvalho, mas ainda sem chuva, parecia tão inocente quanto decadente: vejo também ainda aquela criança, uma garota franzina em uma capa de chuva verde néon, que entrou correndo no meu campo de visão do lado esquerdo, arrastando a sua sacola de roupa de ginástica, e que evidentemente não tinha o menor prazer em cabular aula.

Peguei um exemplar amassado do *Bingo BZ* com a data daquele dia que estava na sacada ao lado do quiosque, cujo dono o largara ali provavelmente por não querer jogar fora algo pelo qual ele pagara, mas que ainda podia ser útil, deixando-o para alguém como eu, pois naquele tempo eu gostava de ler as colunas de fofoca e histórias sangrentas com manchetes sensacionalistas e, por vezes, muito engraçadas.

Lendo o jornal por alto, um cigarro na boca, eu fui rumando em direção ao meu verdadeiro objetivo, a banheira no apartamento de um assistente social que viera da Baviera e de quem eu gostava – neste momento vocês dobraram a esquina correndo, tu e o teu companheiro. Vocês se comportavam de maneira estranha, animados, quase eufóricos – como dois cães de guarda que conseguiram se soltar das correntes, mas que passaram apenas uma noite dormindo sob janelas estranhas e ainda não estão com aquela fome avassaladora; e mesmo assim o brilho nas suas pupilas, aquela loucura que alimenta o seu humor, deixa antever que, em pouco tempo, conhecerão o preço da liberdade e o pagarão.

Vocês eram belos rapazes - tu de olhos azuis, pálido, louro cinza, o outro cor de azeitona, de cabelo enroladinho castanho, óculos escuros, brinquinho de prata na orelha. E eu ainda não tinha como reparar, na época, que os moletons sobre os ombros largos de vocês dois provavelmente provinham do fundo de roupas doadas da *Arbeiterwohlfahrt*, a organização de assistência social dos trabalhadores.

Embora estivesse sem maquiagem e o meu corpo forte estava metido naquele tipo de vestido soltinho, eu também devo ter chamado a atenção de vocês, porque ambos detiveram o passo, tu à minha esquerda, o outro à minha direita.

“Então, boneca, para onde vais?”, disseste, de um jeito tão arrastado e nítido que, por um átimo, achei que já havias tomado três ou quatro cervejas. Mas no teu hálito, que pude sentir, porque o teu rosto, enquanto falavas, se aproximou do meu, não tinha cheiro de fermentado. Em compensação, alguma coisa me deu o desejo de tomar Nescau. Não me lembro o que eu respondi, mas a palavra “boneca” surtiu efeito, pois me lembrou que, apesar do teu falar irritantemente lento, preocupado com a articulação

limpa, só podias mesmo ser berlinense, apesar de não falar com aquele sotaque típico do Leste. Até aquele dia em que esbarrei com vocês, eu nunca tinha encontrado, do lado de cá do muro, um compatriota tão jovem e tão esperto, que se encaixava em todos os clichês. As pouquíssimas pessoas que eu conhecera mais de perto nos meses depois de Marienfelde – como o bávaro da banheira – vinham do sul da Alemanha e consideravam a Unidade Política Independente (*Selbständige politische Einheit*) como uma espécie de alojamento de transição onde se podia estudar e, assim, ignorar legalmente o “chamamento à união”, “à bandeira”, como dizíamos nós, os “do outro lado”. Demorou um pouco até eu compreender que estes outros não se distinguiam essencialmente de mim, uma *Exzoni*, uma alemã oriental, e que eles também tinham fugido de alguma coisa, sim, que todos os alemães do norte, do sul, do leste e do oeste, que haviam se refugiado aqui, ao lado de todos os turcos, italianos, gregos, chineses, franceses, americanos, constituíam cerca da metade da população daquele pedaço da minha cidade onde eu não nascera.

Na capa engordurada do primeiro livro de uma edição pirata que eu comprei no início de dezembro num boteco com o primeiro dinheiro novo, eu fiz a seguinte anotação:

Desde que passei a percorrer o lado ocidental de Berlim, com a topografia do lado oriental na memória, sei que essa cidade é mesmo *apenas uma*: as casas que ficaram conservadas dos dois lados se parecem tanto quanto as construídas depois da guerra. Berlim, leste e oeste, faz lembrar aqueles presentes improvisados à última hora, uma caixa de bombons de supermercado que depois passa semanas esquecida no armário porque o seu conteúdo não é muito gostoso. Nas fôrmas do alto-relevo, à direita, ficam os bombons pelados, já com uma camada de mofo ou até mesmo mordiscados, e à esquerda os envolvidos em papel dourado que, uma vez desembulhados, são iguaizinhos aos outros.

E, numa folha de calendário do dia quatorze de março de 1987, que estava dentro do livro como marcador de página, eu anotara outras duas frases:

Ando por aí, vejo as pessoas e penso: este, aquele, aquela outra..., assim como eu, todos aportaram aqui um belo dia para, logo em seguida, seguir viagem ou partir, o mais tardar no último trem. Mas todos os trens já se foram e o último nunca partiu, desde então estamos na estação de trens, e essa aqui se chama *Westberlin-Zoologischer Garten*.

“Eu Harry, ele Benno”, disseste, insinuando uma reverência. Eu sou Soja, acrescentei – um pouco contra a vontade, temerosa de que, como sempre acontecia quando eu me apresentava a alguém aqui no Oeste, todos caíssem na gargalhada. “– Soja? Ah, Soja de quê? Em grão ou molho?!” Uma única vez eu tentei explicar que não tinha culpa por me chamar assim e que a minha mãe, “nos dolorosos momentos” da “primeira vez que dera à luz”, lembrara do seu ídolo, “a guerrilheira Soja Kosmodemjanskaja, executada pelos fascistas”, que devia ser a minha estrela-guia. Mas isso geralmente provocava ainda mais risos.

Mas nenhum de vocês riu. “Então, Soja“, disseste, “que tal? Vamos tomar um Nescau?”

O olhar com o qual respondi ao teu deve ter revelado que me senti flagrada. Como podias saber que associação o cheiro do teu hálito causara em mim? Quando vocês irromperam daquele jeito intrépido eu ficara insegura, mas aquilo já era meio amedrontador, um de vocês saber ler os meus pensamentos, ao mesmo tempo, excitante, uma vez que aquilo partiu de ti. Eu sacudi os braços como se eu pudesse sumir do mundo ou, desse jeito tímido, dizer-lhes que eram doidos. Alguma coisa em ti me atraía e, ao mesmo tempo, acendia um sinal vermelho: uma medíocre preguiça do coração baseada, no entanto, em alguma experiência. Afinal, como a minha avó dissera certa vez, a maioria das aventuras não passava de noites caras! Além disso, a banheira de Christoph estava à minha espera, eu nem me sentia suficiente refrescada para este vago desejo que tentava me invadir e me empurrar para os teus braços. Ou será que aquela sensação já estava entrando pelo meu umbigo, como um gás que se acumula atrás do diafragma e se expande e começa a insuflar ânimo?

Não, disse eu, não posso agora. Tenho um compromisso.

“OK”, disse – obviamente aliviado - o teu companheiro, que até então não abria a boca, puxando a manga da tua camisa de um jeito tão rude que a malha puída soltou uma espécie de gemido, pois tu estavas parado, tampouco querias que te tirassem dali, como eu também não queria.

Mesmo assim, eu fiz o que as minhas emoções conflitantes mandavam fazer: comecei a correr, a cabeça virada para trás, sem tirar os olhos de ti, e berrei: “Mais tarde, quem sabe”.

Então, saíste correndo, fazendo com que a tua manga arrebatasse, vieste ao meu alcance. “Bem, às três em ponto então, neste mesmo lugar“, disseste de um jeito ríspido, quase ameaçador, somente parando de me perseguir quando eu, depois de atropelar uma

pedestre, voltei a olhar para a frente.

III

Eu conhecera Christoph, o da banheira, uma banheira extraordinariamente grande, no final de janeiro, no restaurante que se tornara o sonho de qualquer mulher nascida no leste, o *Malibu* na Winterfeldplatz, onde o chão era coberto por areia fina de praia até o tornozelo. Entre as mesas havia palmeiras artificiais e árvores naturais do tipo *Ficus benjamins*, já meio fenecidas de tanta fumaça de cigarro e falta de luz do sol. Tubos de néon cor de rosa, com forma de flamingos gigantes passavam pelas paredes negras, e do teto pendiam lâmpadas em forma de bola que espalhavam uma luz difusa azul. Eu gostava de freqüentar aquele lugar principalmente por causa dessa luz azul, pois ela fazia todos os hambúrgueres, costelinhas e batatas assadas que se podia pedir ali ficarem miseravelmente pálidas. Assim, eu não comia mais do que o necessário, para evitar que os pequenos coquetéis, que custavam apenas a metade do normal, não deixassem logo de pileque.

Christoph sentara na minha frente porque todos os outros lugares estavam ocupados. Durante cerca de meia hora, ele ficou com torcicolo, olhava para a porta onde as pessoas entravam e saíam e esvaziou num piscar de olhos a jarra de vinho rosé que lhe foi servido sem que ele tivesse pedido. Quando a pessoa que ele esperava, uma certa Adrienne, como descobri depois, não apareceu, Christoph, cujo belo rosto ficara vermelho por ter bebido tão rápido e talvez também por causa da fúria, jogou uma carteira de couro sebo ao lado do copo, levantou-se e girou em torno do próprio eixo, procurando alguma coisa – como uma lagarta que alcançou o final da folha e não sabe mais como seguir seu caminho; mas a garçonete magrela, sempre estressada não dava as caras.

Uma herança?, perguntei em alto e bom som, colocando a mão sobre a carteira. Mas Christoph não tentou defender o seu patrimônio, com medo de ser roubado, e respondeu sorrindo, como se eu quisesse tê-lo libertado de algo mais terrível do que dinheiro: “Não, ainda não, ainda estou vivo“.

Ele voltou a se sentar, acenou para a garçonete logo depois que a porta do banheiro se fechou atrás dela e perguntou se podia me convidar para tomar o que eu

quisesse, pediu mais uma jarra de vinho rosé e disse: “Prazer, eu sou o bávaro Christoph Meier”.

Eu contei para ele quem eu era e de onde eu vinha e depois ficamos um pouco surpresos, bem como os nossos papéis o exigiam – ele, porque eu não gostava de vodca, e eu, porque ele tomava aquele estranho vinho cor de rosa, embora ali tirassem o famoso chope de Munique. Christoph contou que era de Augsburg, que tinha se criado “perto da casa dos pais de Brecht” e que viera seis anos atrás para Berlim a fim de estudar pedagogia. Disse que logo se entediou com o curso, até porque ele “não pensava seriamente” em “domesticar” criancinhas. Naquele momento, estava trabalhando no projeto para jovens chamado *Pumpe* e trabalhava nos finais de semana para defender algum dinheirinho.

“E você? Por que diabos resolveu dar as costas à RDA?” Christoph não chegou a ser indelicado a ponto de me acusar de “trair a causa do socialismo”, como tantos outros já haviam feito antes (o que, aliás, só me ofendia em termos, pois da mesma forma que nós sonháramos com um caminho alternativo, eu também imputava a vocês a ilusão contrária). Em vez disso, ele me ofereceu a substituí-lo em seu emprego de fim de semana quando ele tivesse que resolver outras coisas ou tivesse que ir visitar a mãe. Um pouco mais tarde, quando saímos do Malibu, ele também me ofereceu para usar a sua banheira. “Toma aqui a chave da nossa república de estudantes”, disse ele, com a língua pesada do álcool. “Era para Adrienne, mas ela parece não querê-la. Pode ir quando quiser. Geralmente, saímos cedo e passamos o dia fora ou na casa das nossas namoradas”.

Christoph deu um tapinha no meu ombro, da sua boca ainda escapou um “tchau” que parecia um “miau”, em seguida ele virou as costas e saiu caminhando, as pernas um pouco duras, daquele jeito de andar de um homem triste, porém orgulhoso, que sai pouco antes do fim da noite.

Quando ele se perdeu na escuridão, eu também saí caminhando em direção ao bairro Tiergarten, esquentando a chave nas mãos.

Eu teria preferido levar Christoph, até por causa da banheira. Mas desde que me mudara para o lado ocidental, nunca conseguira conquistar um homem em condições de vida minimamente aceitáveis para mim. Certo, eu não era lá muito especial, mas tinha um par de pernas compridas, a pele limpa, seios roliços e a boca macia. Antes, no lado oriental, quando eu ainda tinha uma espécie de bônus exótico e os meus convidados dispunham de plena liberdade para determinar a distância ou a proximidade correta,

muitos tinham sido menos exigentes. Dois estudantes de ciências políticas, um de Marburg e o outro de Bremen, resolveram “checar empiricamente as diferenças eróticas” entre as suas “noivas” e as mulheres do leste, “com ajuda” do meu “afeto”, para usar a expressão do cara de Bremen. Também me lembro bem de um estudante de Odontologia de Heidelberg, e do americano vasectomizado que estudava Literatura Alemã e ficava tão excitado ao ver o meu aparelho de calefação que, ao encostar os dedões do pé nos azulejos quentes, ficava toda hora exclamando “Oh, it’s crazy!”. No entanto, vários rapazes que tinham sido criados a meu lado ou nas demais regiões do nosso país gostavam do meu jeito informal, sem a menor intenção de criar laços firmes, pois os homens do Leste ficavam inseguros com as moças realmente belas que queriam ser “conquistadas e paparicadas”.

E então? Eu empenhei todos os esforços no sentido de realçar os meus parcos atrativos com ajuda de batons, meias arrastão, sutiãs elegantes por baixo de blusas finas. Mas, apesar de participar várias vezes daquelas noitadas enfadonhas nos botecos, não acontecia nada além de algum interesse paternal ou criticamente pedagógico nas circunstâncias nada espetaculares do meu “pouso suave” no “planeta do capitalismo real do sistema solar Deuropa”, pelo qual Christoph me felicitou durante nossa primeira bebedeira no Malibu. E apesar do meu sorriso admirado com o qual recebi a rala réplica polêmica eu já sabia tanto sobre homens como Christoph que ficava me perguntando se o talento lingüístico era seu mesmo ou se apenas tinha saído da caneta de um redator da *Titanic*.

Era como se aqueles homens gentis, que pareciam bastante informais para quem tinha algum treino, cujos seletos códigos de indumentária eu aprendera a decifrar antes mesmo de saber o que significavam, estavam embrulhados em plástico transparente. Eu podia acompanhar os seus olhares, falar com eles, ouvir suas respostas e sua respiração, mas não podia tocá-los de verdade. Isso eu sentia toda vez que eu colocava a mão sobre uma daquelas mãos masculinas, tentando deixá-la pousada ali durante algum tempo. Era como se aquelas mãos bem tratadas, musculosas, com veias saltadas, fossem insensíveis. Ou eram as pontas dos meus dedos que eram insensíveis? Os homens em questão também pareciam perceber esse bloqueio, pois geralmente retiravam cuidadosamente a respectiva mão enquanto a minha ainda buscava o contato, enquanto o meu sistema nervoso ainda esperava algo por acontecer que talvez precisasse acelerar o meu pulso, elevar a minha temperatura e aguçar o meu faro.